

bernardo santareno

OS MARGINAIS E A REVOLUÇÃO

teatro

RESTOS • A CONFISSÃO • MONSANTO
VIDA BREVE EM TRÊS FOTOGRAFIAS



ÁTICA

BERNARDO SANTARENO



OS MARGINAIS E A REVOLUÇÃO

RESTOS

A CONFISSÃO

MONSANTO

VIDA BREVE EM TRÊS FOTOGRAFIAS

TEATRO

EDIÇÕES ATICA

LISBOA

A capa é da autoria de

MANUEL DIAS



© ATICA, S. A. R. L., Lisboa

Direitos reservados para todos os países, de reprodução
no todo ou em parte, nos termos da legislação em vigor

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Tipografia
Macarlo, Lda. - R. Jorge Afonso, 10-A - Tel. 76 54 00 - 1600 - Lisboa

Acabou de imprimir-se em Março de 1979

VIDA BREVE EM TRÊS FOTOGRAFIAS

PERSONAGENS:

PEDRO, O CORVO

PAU-SANTO

FORMIGA

SENHOR

SENHORA

1.ª FOTOGRAFIA

Aparece apenas iluminado o fundo da cena ocupado, em toda a sua altura e largura, por uma grande fotografia em meio corpo de Pedro, encaixilhada na moldura habitual dos aparelhos de televisão e funcionando, portanto, como um écran TV excepcional, de tamanho cinematográfico.

VOZ DO LOCUTOR INVISÍVEL

(ouvindo-se sobre a imagem acima indicada)

No passado dia 13, desapareceu de casa dos seus pais, no Casal Ventoso, Pedro Salvador, de 17 anos de idade, conhecido no bairro pela alcunha de o «Corvo». Usa calças «jeans» azuis e camisola verde. Tem cabelos e olhos escuros. É alto e bem constituído. Os familiares aflitos pedem, a quem souber do seu paradeiro, para avisar a polícia pelos números 823980 ou 823981. *(Silêncio. Escuro total. Acende-se um candeeiro de iluminação pública que iluminará todo o palco, incluindo o retrato de Pedro que se*

manterá como fundo de cena até ao fim do quadro. É noite, claro. Dois bancos do Parque Eduardo VII, colocados quase em frente um do outro: No primeiro deles, estendido ao comprido, dorme Pedro; no outro, está um Senhor, bem vestido com fato e gravata. O Senhor contempla Pedro adormecido com muito interesse, fascinado. Levanta-se, aproxima-se do banco do rapaz e olha-o de perto: Admiração lasciva. Afasta-se um pouco, tira da algibeira uma lanterna de mão, aponta-a para a cabeça do rapaz e acende-a: Foco de luz intensa sobre o rosto de Pedro. Assim uns segundos. O Senhor está ansioso, obcecado. Pedro incomodado pela luz, mexe-se, agita-se, passa a mão pelos olhos. O Senhor, sempre com o foco apontado, vai-se aproximando do rapaz, até que a luz lhe fica a dois palmos da face. Pedro mexe-se de novo, deixa cair uma perna, abre um olho, murmura coisas ininteligíveis. O Senhor tira da carteira uma nota de cem escudos e agita-a diante das vistas do rapaz. Este abre os dois olhos, fica um momento confuso, percebe num relâmpago e, em movimento felino, rápido e total, apanha avidamente a nota, ao mesmo tempo que se senta no banco. Com a nota fechada na mão crispada, olha para o Senhor de frente: Agressividade primeiro, depois troça e manha. Sorriso hipócrita, cruel. O Senhor sorri também ainda inseguro, apaga o foco e senta-se no banco, ao lado do rapaz.)

SENHOR

Já são duas horas da madrugada...

PEDRO
(*cúmplice*)

É boa hora.

SENHOR

Não vai para casa?

PEDRO
(*friccionando os membros*)

Qual casa?

SENHOR

Tem frio?

PEDRO

Isto passa.

SENHOR

Dorme aqui?

PEDRO

Às vezes.

SENHOR

Está desempregado?

PEDRO
(*encolhendo os ombros*)

Não vê?!... (*Ao ataque, profissional:*) Se calhar, foi bom. Se eu tivesse trabalho, tinha quarto; e, se tivesse quarto, não estava aqui, a estas horas. E a gente não se tinha encontrado... Era pena.

SENHOR

Era, realmente...

PEDRO

(provocante, passando a mão pelo seio)

Anda a passear?...

SENHOR

(excitado)

Sim... Não, não ando!... Passei por aqui... Ia para o hotel...

PEDRO

Aonde é o seu hotel?

SENHOR

(com medo)

Perto...

PEDRO

Não quer dizer. Está certo. Eu pensei que a gente podia...

SENHOR

Pensou o quê?...

PEDRO

Nada.

SENHOR

Não estou sozinho, no hotel...

PEDRO

Ah!... É pena. O Senhor não é de Lisboa, pois não?

SENHOR

Não. Estou cá de passagem.

PEDRO

Negócios?

SENHOR

Não interessa.

PEDRO

Pois, não interessa.

SENHOR

(olhando à volta)

Isto é sossegado?...

PEDRO

A esta hora, é porreiro. *(Encosta a perna à do Senhor.)*

SENHOR

(levantando-se, nervoso)

Estou cheio de medo!... Desculpe, vou-me embora...?!

PEDRO

(vaga ameaça)

Então pra que é que me acordou?!

SENHOR

Ia a passar... Vi-o a dormir e...

PEDRO

(vaidoso)

Ficou. Nunca falha. (*Afagando outra vez o seio:*)
Tenho cá um destes iscos!...

SENHOR

(*perturbado, sentando-se de novo*)

Que idade tem?

PEDRO

Dezassete.

SENHOR

Que maravilha! Há bocado, a dormir, ainda parecia menos... Agora, acordado, parece ter mais... Não sei... Acho que são os seus olhos: Às vezes metem-me medo...! São, são os olhos!... Você é muito belo.

PEDRO

(*contente, quase infantil*)

Pareço o Alain (*pronuncia como se escreve, à portuguesa*) Delon, quando era novo. Toda a malta diz. (*Pondo-se em pé, a mostrar-se:*) Bem arreado com'o gajo e com um fogante nas unhas (*gesto de empunhar uma pistola-metralhadora*), fico tal e qual!

(*Senta-se.*) Hei-de lá chegar. Não a fingir, mas a sério. Uma vez, houve um tipo desses dos cinemas... Era o gajo que mandava nos actores, o chefe daquela cagada toda...!? Percebe? Realizador, chamavam-lhe o realizador! Sabe o que é? Ele queria que eu entrasse na fita: Fazia de chulo, engatatão, arrebenta, ou coisa assim!... Ainda lá fui dois dias. Por acaso, gramei. Vestiram-me logo um blusão de cabedal preto por-reirinho... Sabe com'é que é, não sabe? Mas aquilo era uma coisa em bom, mesmo giro! Hoje, um gajo não comprava um cenário daqueles por menos de sete ou oito pacotes... Mesmo porreiro! Ficou lá. Que se foda! A certa altura, a maralha — era eu e mais quatro ou cinco tipos! — andava à mocada com os chuis... Gajos a fingir também, percebe? Depois tinha que dar de frosque por escadas e telhados, com os sacanas dos polícias atrás de mim...! Era uma co-boiada do caralho, aquilo! Mas depois chateei-me e, ao terceiro dia, já não fui. Pra quê? Era tudo fita, tudo a fingir... Ainda por cima, houve bronca com o «sherif», o tal manda-chuva do filme: O gajo era paneleiro, começou a fazer-se-me ao piso, queria açorda comigo... e eu acabei por ter de lh'amandar um soco nos cornos! (*O Senhor contrai-se, constrangido; Pedro percebe:*) Calma aí! Isto não é consigo, porra! (*Pausa.*) Eu agora estou na merda. (*Duro:*) Durmo neste banco e estou cheio de fome. (*Aumenta o mal-estar do Senhor, que se afasta um pouco de Pedro:*) Não fuja, homem! Não tenha medo, caralho!? (*Mostrando o forro dos bolsos:*) Está a ver? Estou liso e pendurado no primeiro cabrão que me pagar:

Rachado, punheteiro ou brochista! (*Sombrio:*) Estou na merda, já lhe disse.

SENHOR

(*receoso, a tentar levantar-se*)

Está enganado... Não é o que você pensa...!?

PEDRO

(*violento, obrigando-o a sentar-se*)

Atão o que é? Porra, você julga que me enfia o barrete?! Olhe que eu sou novo, mas já tenho uma cona muito funda! Não é a primeira vez que você vem aqui, ao Parque. Fique sabendo que eu já o topei umas duas ou três vezes! Você anda no engate. É paneleiro. O que teve foi azar, desta vez: Estava à espera dum pombinho pra depenar e saiu-lhe um... corvo! E agora tem de me roer. Esteja quieto, porra, não fuja! Calma aí! Ai! Não me foda o juízo, homem, olhe que eu...! Atão você não vê que eu quero ser meiguinho consigo? Deixe cá ver a sua mãozinha... Não quer?!

SENHOR

(*muito nervoso*)

Agora não... Fica para outra vez...!?

PEDRO

Agente aí! Vamos ser felizes. Quanto é que paga? Quinhentos paus, está bem?

SENHOR
(*debatendo-se*)

Deixe-me ir... Estão à minha espera, no hotel!...

PEDRO
(*aguentando-o*)

Cale-se, não faça mais flores: Apalpe aqui, olhe que vai gostar! Porque é que você tem medo, caralho? Eu sei que você gosta de sentir o peixe vivo, a saltar na sua mãozinha! Deixe-se de partes... Você está todo babado, homem, está morto por agarrar esta coisa grande e tesa que eu tenho aqui, entre as pernas! Já lhe disse que sou meiguinho... Esteja à vontade, caramba! Não vê que não há por aqui ninguém? Ande, passe pra cá os quinhentos paus: E não diga a ninguém, olhe que isto é preço de saldo! Merda, quer-se ir embora?! Eu pr'aqui de gâmbias abertas e você...! Porra, mas agora não sai daqui, seu cabrão!

SENHOR
(*a querer libertar-se, aflito*)

Eu grito!... Eu chamo a polícia!?...

PEDRO

Você chama mas é uma gaita! Você ainda tem mais medo dos chuis do que eu: Você é bicha fingida, bicha escondida! É paneleiro de dias santos. Eu topo-o de ginjeira, tenho estado pr'aqui a desmontá-lo... A mim, não mete você os dedos pelos olhos